

A morte de Belchior: uma peleja de narrativas entre as biografias de livros e de folhetos da literatura de cordel¹

Alberto Perdigão²

Resumo

Apresenta pesquisa qualitativa em folkcomunicação do tipo estudo comparado que analisa a narrativa de folhetos da literatura de cordel e de livros de biografia do cantor e compositor brasileiro Antonio Carlos Belchior (1946-2017). O estudo pergunta como as referidas mídias narram a morte de Belchior, tendo, como hipótese, a ocorrência de representação contra-hegemônica por parte dos folhetos. Para averiguar o intuído, considera como critérios: o sumiço, o falecimento e a eternização.

Palavra-chave: Folkcomunicação; literatura de cordel; contra-hegemonia; biografia; Belchior.

O cantor e compositor brasileiro Antonio Carlos Belchior (nome completo conforme registro de nascimento) nasceu em Sobral, no Ceará, no dia 26 de outubro de 1946, e morreu em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, em 30 de abril de 2027, portanto aos 70 anos. Foi criança na cidade natal, viveu a adolescência e a juventude em Fortaleza, até ser revelado para a indústria fonográfica nacional como compositor, em 1971, aos 24 anos, ao vencer o Festival Universitário da Canção Popular, no Rio de Janeiro, com Na Hora do Almoço, interpretada por Jorginho Telles e Jorge Neri, e o Festival de Música do CEUB (Centro Universitário de Brasília), com Paralelas, interpretada por Raimundo Fagner.

Estava apenas começando a carreira de um artistas que se consagrou na Música Popular Brasileira com a autoria de 133 canções gravadas por ele e por dezenas de outros intérpretes (Duarte, 2025; Gomes Neto, 2019), centenas de discos, compact discs e fitas cassete, e milhares de shows, durante cerca de 40 anos de carreira, até abandonar os negócios, a família, os amigos e o fãs, e viver isolado e escondido, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, em San Gregorio de Polanco (Uruguai) e novamente no Rio Grande do Sul, até morrer de um aneurisma da aorta, aos dez anos de sumiço, em Santa Cruz do Sul (RS), onde vivia com a companheira, graças à caridade anônima de um fã.

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, professor, mestre em Políticas Públicas e Sociedade, integra a Rede Folkcom de pesquisadores da Folkcomunicação. E-mail: aperdigao13@gmail.com.

Para a mais de uma dezenas de livros biográficos de Belchior, assim terminou a vida do Toin da infância, do Antonio Carlos da adolescência, do Frei Francisco Antônio de Sobral dos três anos de juventude que passou interno em um seminário capuchinho e do Belchior de estilo riponga (com som de Q no dígrafo e de Ô na vogal final, como se apresentava, contrariando a orientação da Academia Brasileira de Letras) da Faculdade de Medicina e dos movimentos estudantil e musical da Fortaleza do final dos anos 1960; do Belchior da geração Pessoal do Ceará, que fez casa, família e empresas em São Paulo e que se tornou apreciador das artes plásticas e dos livros, dos bons carros, charutos e vinhos.

Nas mais de duas dezenas de folhetos da literatura de cordel que também biografam o “poeta” e “filósofo”, entretanto, a imagem de Belchior é uma construção simbólica, diferente, resultado de narrativas alternativas, populares e contra-hegemônicas. Belchior é romantizado na infância e juventude, representado por um menino e rapaz de família numerosa e pobre do interior, estudioso, religioso, que obedece aos pais e que respeita as tradições, o que representa uma pouca aproximação frente à mídia tradicional. Depois, como um afastamento, é nordestinizado quanto à sua obra, como o cantor das coisas de um sertão igualmente, em detrimento do artista brasileiro que carrega o epíteto de rapaz latino-americano (Perdigão, 2025).

Em relação à morte - a social e a do falecimento -, verifica-se uma ruptura entre as mídias analisadas, dado que o folheto realiza três movimentos em direção contrária. Absolve Belchior do desaparecimento e de toda falha moral ou jurídica; santifica o artista como um mártir abandonado pela indústria fonográfica e perseguido pela mídia tradicional; e, finalmente, eterniza o “poeta” e “filósofo”, elevando-o a um céu, que é próprio da literatura de cordel para salvaguardar a imagem de pessoas queridas e respeitadas pela obra que realizaram em vida (Perdigão, 2025).

A referida ruptura é o esclarecimento central do artigo aqui proposto. O estudo pergunta como o poeta-repórter da literatura de cordel narra a morte de Belchior. Tem, como hipótese, a ocorrência de uma representação contra-hegemônica para o falecimento. E, para checar a validade do intuído, analisa o conteúdo de dezenove folhetos de uma amostra, considerando três critérios: o sumiço, o falecimento e a eternização. A investigação é um fragmento de uma pesquisa maior do tipo estudo comparado realizada pelo autor proponente.

Referências (do resumo expandido)

DUARTE, Dorgival. **Belchior**: cenas do último capítulo. Santa Cruz do Sul (RS): Santa Cruz, 2025.

GOMES NETO, José. **Cancioneiro Belchior**. Florianópolis: Vitelli Publisher, 2019.

PERDIGÃO, Alberto. **Belchior**: a construção de um mito na literatura de cordel. Fortaleza: RDS, 2025.